

COOPERAÇÃO E TRABALHO NO DESENVOLVIMENTO LOCAL/REGIONAL: APONTAMENTOS A PARTIR DA COOPERATIVA VINÍCOLA GARIBALDI E DA COOPERATIVA AGRÍCOLA MISTA DE NOVA PALMA

Vanessa Manfio

Doutora em Geografia - UFRGS

Professora de Geografia da Secretaria Municipal de Educação de Nova Palma-RS

E-mail: vamanfio@hotmail.com

Alberta von Mühlen Bertele

Graduanda em Geografia – Licenciatura - UFSM

E-mail: albertabertele@gmail.com

Eduardo Schiavone Cardoso

Doutor em Geografia - USP

Professor titular do Departamento de Geociências e do PPGGEO-UFSM

E-mail: educard2016@gmail.com

RESUMO

No meio rural, o cooperativismo tem se despontado como uma forma de conduzir práticas de comercialização, articular produtores rurais e ampliar os seus contatos e ações, garantindo que a partir da união de um grupo de associados se chegue ao desenvolvimento de uma cadeia produtiva. Nas cooperativas estão envolvidos como sujeitos os associados e os trabalhadores. Neste ponto, este trabalho apresenta como objetivos discutir a questão do cooperativismo, especialmente agrícola no desenvolvimento rural, envolvendo a análise da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma e da Cooperativa Vinícola Garibaldi. A análise utilizou-se da pesquisa bibliográfica e de campo, onde foram utilizados como recursos metodológicos: revisão de literatura, trabalho de campo, coleta e registro de dados.

104

PALAVRAS-CHAVE: Cooperativismo; Trabalho; CAMNPAL; Cooperativa Vinícola Garibaldi

COOPERATION AND WORK IN LOCAL/REGIONAL DEVELOPMENT: NOTES FROM COOPERATIVA VINÍCOLA GARIBALDI AND COOPERATIVA AGRÍCOLA MISTA DE NOVA PALMA

ABSTRACT

In rural areas, cooperatives have emerged as a means of conducting marketing practices, articulating rural producers and expanding their contacts and actions, ensuring that through the union of a group of associates, the development of a production chain can be reached. In cooperatives, associates and workers in partnership are involved as subjects in a vision of solidarity. At this point, this paper aims to discuss the issue of cooperativism, especially agricultural in rural development, involving the analysis of labor relations of Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma and Cooperativa Vinícola Garibaldi. The analysis used bibliographic and field research, where methodological resources were used: literature review, fieldwork, data collection and recording.

KEYWORDS: Cooperativism; Labor; CAMNPAL; Cooperativa Vinícola Garibaldi.

INTRODUÇÃO

O cooperativismo está presente no espaço geográfico brasileiro, no âmbito do desenvolvimento do campo, da cidade e da organização do trabalho. As cooperativas agrícolas ganham ênfase no Brasil, no século XX, quando agricultores se empenharam na articulação das organizações para o fortalecimento da cooperação e da agricultura. Em seu desenvolvimento as cooperativas passaram a desempenhar uma estratégia empresarial, participando de diferentes setores, da contratação de empregados e da produção econômica. Em meio a isto, muitas questões de parceria têm se alterado, dando lugar a novas relações de trabalho, com profissionais assalariados e membros associados.

Segundo o Anuário do Cooperativismo Brasileiro - 2020, havia 5.314 cooperativas com registro ativo na Organização das Cooperativas Brasileiras no ano de 2019 no Brasil, com cerca de 23% pertencentes ao setor agropecuário (SISTEMA OCB, 2020). O estado do Rio Grande do Sul contava em 2019 com 444 cooperativas, sendo o ramo agropecuário o que mais empregou, com 37.200 trabalhadores. As cooperativas agropecuárias formam uma das mais fortes modalidades na economia cooperativista gaúcha, totalizando 128 cooperativas, das quais 62 atuam na produção e beneficiamento de grãos e 10 no setor da vitivinicultura (OCERGS-SESCOOP/RS, 2020).

As cooperativas inseridas no meio rural, especialmente no Rio Grande do Sul, são diversificadas, com industrialização e comercialização de diferentes produtos agrícolas e em áreas variadas, inclusive naquelas de imigração e colonização dirigida, onde o protagonismo do cooperativismo se evidencia com força. Pensar a noção de cooperativismo é importante dentro da conjuntura contemporânea e do desenvolvimento rural. Portanto, este trabalho busca discutir o cooperativismo, sobretudo, no campo agrícola, enfocando as questões do trabalho, da organização cooperativista e sua repercussão nas dinâmicas locais.

Tais questões serão apresentadas a partir de duas cooperativas gaúchas: a Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma (CAMNPAL), localizada na região central do Rio Grande do Sul, atuando principalmente na região conhecida como Quarta Colônia e a Cooperativa Vinícola Garibaldi, localizada em Garibaldi, na Serra Gaúcha. A CAMNPAL atua no setor de armazenamento, industrialização e comercialização de gêneros agrícolas diversos, ao passo que a Cooperativa Vinícola Garibaldi atua no setor da vitivinicultura, com produção e comercialização de vinhos e sucos, entre outros produtos.

Para atingir o propósito do artigo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica, juntamente com a coleta de dados primários e secundários. A revisão de literatura é uma etapa significativa na

pesquisa bibliográfica e foi realizada no período de 2019 a 2021 em fontes que pudessem contribuir com a abordagem da temática, envolvendo o cooperativismo. Os dados foram coletados neste período nas cooperativas e em outras bases de pesquisas, sendo desenvolvido juntamente com o apoio do Fundo de Incentivo à Pesquisa – FIPE – UFSM para os estudos referentes à Cooperativa Vinícola Garibaldi.

O artigo encontra-se estruturado em três partes: a primeira que expõe a questão do cooperativismo e das cooperativas ligadas ao mundo rural, a segunda faz uma abordagem a respeito da Cooperativa Vinícola Garibaldi e a terceira uma discussão sobre a CAMNPAL.

COOPERAÇÃO E TRABALHO–UMA DISCUSSÃO INICIAL

O cooperativismo é um movimento que demanda coletividade, parceria e que teve seu surgimento em tempos remotos, quando parentes e vizinhos já entravam em cooperação por esforços em prol de um objetivo comum (PINHO, 1977). Posto isto, “A cooperação sempre esteve presente na história humana como uma alternativa de sobrevivência ou uma solução para momentos de crise” (CASTANHEIRA, 2008, p.30).

O cooperativismo contemporâneo aparece no eixo econômico, aproximadamente no século XIX (ALCÂNTARA, 2005), quando as cooperativas surgiram a partir de reivindicações e de cooperação para superação de dilemas do capitalismo. Segundo Namorado (2005), o movimento cooperativista moderno esteve alinhado aos sindicatos e partidos políticos operários e o primeiro movimento cooperativista data do ano de 1844, quando, em Rochdale na Inglaterra, tecelões procuraram melhorar sua situação econômica, fundando uma cooperativa, dos quais foram estabelecidos princípios, estatuto e criou-se uma doutrina cooperativista (KEIL; MONTEIRO, 1982). Ela se sustentava em virtude da colaboração dos associados em manter a cooperativa e assim atingir ganhos para coletividade, em resposta à pressão social e às dificuldades enfrentadas por trabalhadores das indústrias, em sua maioria pobres (MORI, 2014).

Por mais que o cooperativismo tenha surgido ligado ao meio urbano-industrial na Europa, no Brasil as primeiras e principais iniciativas do gênero fazem associação às atividades agropecuárias e ao meio rural (PINHO, 1977). Em 1889 surge a primeira cooperativa registrada do Brasil, localizada em Minas Gerais (FIGUEIREDO, 2009). Conforme Severo e Barbosa (2019, p. 32), “No século XX, inúmeras experiências cooperativas conseguiram expressão nacional nas décadas de 1970 e 1980”. Já o crescimento das cooperativas no setor agroindustrial, foi adquirindo ênfase em projetos de integração definidos, no início da década de 70, que contribuíram para o

fortalecimento cooperativista (FAJARDO, 2006). As cooperativas, neste momento, tiveram apoio do Estado por intermédio de políticas institucionais de incentivos fiscais e créditos para financiamentos das cooperativas no âmbito agroindustrial (LOURENÇO, 1992, p.131).

A legislação brasileira somente tratará das cooperativas no ano de 1932, com o surgimento da primeira lei específica sobre os empreendimentos cooperativos (PINHO, 1977). Na década de 1970, a legislação regulamentou o funcionamento das cooperativas, mas em parte restringiu a autonomia dos associados, interferindo em sua atuação. Na Constituição de 1988 foi garantido o princípio da autogestão das cooperativas e a não interferência do Estado em sua organização (ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS, 2021).

Antonialli (2000) conceitua a cooperativa como uma associação de pessoas, que vencem as necessidades econômicas, manifestando-se por duas dimensões básicas: uma instituição política, interessada na organização e promoção social de seus membros e um empreendimento econômico, em prol da produção de algum bem ou serviço. Para Sato (1999), a formação de grupos cooperativados reflete aspectos teóricos e também expressões de diferentes sujeitos que colaboram com um ideal ou busca que é coletiva e de cooperação.

Cooperativa é uma forma de organização econômica entre pessoas com os mesmos objetivos, em que a cooperação se baseia na participação dos associados para suprir suas necessidades (econômicas e sociais), através de uma empresa de propriedade conjunta. Segundo Gasperi (1978, p.69), as cooperativas visam eliminar os intermediários, seja na produção, no fluxo ou consumo das riquezas. Desta forma, os associados das cooperativas conquistam vantagens na compra de produtos ou na venda de sua produção com melhores condições.

Assim, “o cooperativismo, além de pressupor um trabalho conjunto entre seus cooperados, apresenta um lado organizacional e econômico, evidenciando uma hierarquia invisível, mas que proporciona transparência, solidariedade, desenvolvimento sustentável, entre outros” (ENGEL *et al.*, 2014, p.66). Em síntese, a cooperativa é uma entidade que se propõe a trabalhar com o coletivo em cooperação para atingir determinados fins almejados por um grupo social.

Para Macêdo *et al.* (2006), nas características primordiais do cooperativismo destacam-se: participação em ideias e resultados financeiros, adaptação a mudanças, comunicação, capacidade de observar e ouvir, com aprendizado constante e criatividade. As cooperativas favorecem reuniões de modo a oferecer informações de gestão e também de lucros e bases de futuros investimentos, assim como dar vez e voz aos associados na participação das decisões e em promoções de final de ano para retorno de valores adquiridos para os cooperativados e sócios.

Por outro lado, “o cooperativismo não anula a liberdade e a responsabilidade individual do trabalhador e produtor, assim como busca criar as condições para que a colaboração coletiva possa florescer e se desenvolver” (CHAYANOV, 2017, p. 9). Ainda, as cooperativas, segundo Moraes e Schwab,

[...] são organizações fundamentadas nos princípios cooperativistas e, por este motivo, operam com uma lógica distinta das demais sociedades. As cooperativas são organizações que desempenham um importante papel no contexto socioeconômico, na medida em que atuam apoiando seu desenvolvimento, principalmente das pequenas propriedades rurais, onde juntas reúnem forças para ganhar destaque e espaço no mercado competitivo (MORAES, SCHWAB, 2019).

As cooperativas também têm poder de engajamento político, onde seus associados por meio da instituição conseguem o desenvolvimento social e local (MANFIO, 2011). Destarte, “as cooperativas também produzem espaço, rural ou urbano, enquanto geram processos de ocupação, exploração e transformação, áreas de produção e circulação, de consumo e demanda” (FAJARDO, 2016, p.221). Este mesmo autor destaca que as cooperativas em muitos espaços auxiliaram na modernização da agricultura e transformaram-se em empreendimentos empresariais, ainda que mantenham a filosofia de cooperativismo.

No que compreendem Moraes e Schwab (2019), as cooperativas estão no campo e na cidade, elas atuam em diversos setores da economia, entre eles no da agropecuária. As cooperativas buscam melhorar a vida dos cooperativados com projetos de reestruturação produtiva e econômica, permitindo o desenvolvimento local e regional (MORAES; SCHWAB, 2019). A existência de vários tipos de cooperativas como cooperativas de trabalho, agrícolas, escolares, de créditos, de habitação, entre outras só demonstram o poder do cooperativismo no âmbito socioeconômico.

Paul Singer (2002) comenta sobre diversos tipos de cooperativas, como as de consumo; o cooperativismo de crédito, com associação de pequenos produtores que, através de financiamentos, conseguem potencializar seus créditos; cooperativas de compra e venda, baseadas na compra e venda conjunta de matéria-prima e maquinário, para conquistar melhor competitividade; cooperativas de produção, que são associações de trabalhadores, buscando trabalhar e consumir seus bens e serviços dentro da própria cooperativa. Para o autor não há uma separação, no cooperativismo, entre trabalho e posse dos meios de produção, pois “todos os que trabalham são proprietários da empresa e não há proprietários que não trabalhem na empresa” (SINGER, 2002, p.83).

Para Presno Amodeo (1999), as cooperativas agropecuárias são formas alternativas para quem produz em menor escala, pois possibilitam a participação no sistema agroalimentar e a

obtenção de melhores resultados econômicos. Então, essas cooperativas têm a função de interlocução dos produtores, sendo elo na articulação da ação do Estado em benefício das comunidades ou das regiões que pertencem seus membros, promovendo atividades e melhorando a vida dos cooperativados (PRESNO AMODEO, 1999). Nesta linha, “as cooperativas inseridas no meio rural, no ramo agropecuário, estas proporcionam aos membros, inserção mercadológica com o ganho de escala e ainda facilidade de acesso aos insumos” (GOMES; CEZAR, 2018, p.172). Assim, as cooperativas agropecuárias formam um tripé para dinamizar a economia, quando por meio delas, os agricultores obtêm acesso aos canais de comércio, para comercialização de seus produtos e barganhar materiais para produção, bem como formas de organização da agricultura e superação de dificuldades.

Essas cooperativas agrícolas podem se caracterizar para além da forma de compra e venda, elas podem ser mistas, participando de toda a cadeia produtiva, utilizando tecnologia, marketing e administração como eixos do seu sucesso (CERVELIN; CUNHA, 2015). Podem também atuar em vários setores: compras, vendas, crédito, fomento agropecuário, transportes, assistência social e outros serviços de utilização mútua (SEABRA, 1977). Em muitas regiões brasileiras, a agricultura familiar está pautada na produção de policultura e isto implica no desenvolvimento de cooperativas agrícolas mistas, que se beneficiam e comercializam diferentes produtos advindos dos seus associados.

Com o passar do tempo, as cooperativas que surgiram com um caráter de ajuda mútua passaram a desempenhar novos papéis dentro da sociedade capitalista. Conforme Fajardo (2006, p. 93), “As cooperativas passam assim a raciocinar como agroindústrias”, deixando de ser apenas uma cooperativa para ganhar um ímpeto como uma cooperativa empresarial, embora auxilie os cooperativados, também extrai mais valia das suas relações, comercialização e produção. Elas não se caracterizam apenas como uma associação de ajuda, participativa e democrática, mas uma entidade, liderada por um gestor que almeja cada vez mais a expansão dos negócios, empresas e serviços.

Dentro dessa nova perspectiva, Fleury (1983) escreve que as cooperativas estão voltadas para o mercado e como este é capitalista, pouco interessa um produtor pequeno falido, mas sim um associado que produza mercadorias, compre insumos e realize financiamentos, fortalecendo a acumulação da cooperativa e elevando o desenvolvimento comercial tanto do associado como da cooperativa. Nesse sentido, as cooperativas para se despontarem no mercado competitivo-capitalista, necessitam diversificar suas atividades e ações, terceirizando serviços, contratando

funcionários, a fim de atuarem nos diversos ramos da cooperativa, desde administração, até atividades manuais, bem como buscar parcerias com outras empresas para se tornarem concorrentes no mercado (FLEURY, 1983; BIALOSKORSKI NETO, 1998).

O cooperativismo ajusta-se à dinâmica do mundo social e do capitalismo, e então as cooperativas adotaram “métodos organizacionais e operacionais” parecidos com as das empresas, tornando-se cooperativas com estruturas complexas (SCHNEIDER, 1981). O cooperativismo se aglutina a vários setores, por exemplo, as cooperativas agrícolas, articulam os setores primário, secundário e terciário, isto é, elas comercializam, armazenam, industrializam os gêneros agrícolas e ainda em casos próprios fornecem créditos e estão alinhadas a bancos rurais (MANFIO, 2011).

Esta nova configuração das cooperativas, capturadas pela lógica do mercado, acaba por evidenciar novas relações entre os associados e os gestores, novas relações de trabalho e a própria reorganização do papel e ideia da cooperativa, não mais apenas de caráter mútuo, mas de fundamentação do setor e das atividades na competição e ganhos econômicos.

A COOPERATIVA VINÍCOLA GARIBALDI

Na segunda metade do século XIX, houve um grande processo de migração europeu, devido às condições econômicas e sociais precárias do continente à época. A colônia Conde D’Eu, hoje município de Garibaldi-RS, recebeu parte destes imigrantes de origem prussiana, suíço-franceses, poloneses, italianos (em maior número) e, posteriormente, sírio-libaneses.

Os imigrantes italianos trouxeram consigo o hábito da viticultura, com o plantio da uva, a produção e o consumo de seus derivados e transformaram a paisagem com os vinhedos. A atividade vitivinícola evoluiu, fazendo com que a região da Serra Gaúcha conquistasse uma posição de destaque na economia nacional deste ramo. Logo, fundaram-se também empresas e cooperativas vitícolas, como é o caso da Cooperativa Vinícola Garibaldi, intitulada inicialmente Cooperativa Agrícola Garibaldi.

Surge da união de 73 produtores, em 1931, com o intuito de enfrentar as dificuldades causadas pela crise de 1929, que gerou problemas no mercado vitivinícola, como espaço insuficiente para armazenarem o vinho e a falta de perspectivas para a normalização do mercado. Essa situação favoreceu os agricultores a colocarem em prática o cooperativismo. De acordo com Fanti (2011), o cooperativismo foi incentivado pelo advogado italiano Giuseppe di Stefano Paternó, contratado pelo ministro da agricultura Pedro de Toledo para auxiliar os imigrantes a fundarem cooperativas.

Nas palavras do mesmo autor, o objetivo da Cooperativa Vinícola Garibaldi era criar uma opção de escoamento da produção de uvas, melhorar a indústria vinícola e qualidade de seus produtos e defender os pequenos produtores familiares dos interesses do mercado. No caminho da sua consolidação, a Cooperativa Vinícola Garibaldi conquistou rapidamente o mercado com seus preços, ganhando consumidores com menor poder aquisitivo. Desde sua fundação, apresentou uma ascensão destacável, pois, em apenas quatro anos já contava com 416 associados e no final dos anos 1930, era considerada a maior cooperativa vinícola do país (FANTI, 2011).

No final dos anos 1960 e início de 1970, a Cooperativa Vinícola Garibaldi, por questões econômicas, tinha suas finanças em estado crítico e deixou de ser a líder no setor. Segundo Fanti (2011, p.126), o empreendimento que tinha uma cantina central de grande capacidade de produção e centrais de engarrafamento no estado de São Paulo e Rio de Janeiro, quase decretou falência e dispensou grande parte de seus 400 empregados.

No mesmo período, houve a instalação de duas multinacionais no município de Garibaldi, que fez com que muitos associados deixassem à cooperativa. Assim, a Cooperativa Vinícola Garibaldi passou a perder cada vez mais espaço no mercado e, somada a falta de recursos financeiros e a diminuição drástica do número de associados, se viu obrigada a vender parte de seu patrimônio.

111

Ferreira e Ferreira (2016) salientam que a chegada das multinacionais no mercado nacional teve como consequência os esforços para melhoria da qualidade dos vinhos brasileiros. Trouxeram consigo inovações, tecnologias e políticas importantes na viticultura, o que obrigou os produtores brasileiros a investir no aprimoramento dos seus produtos.

Em 1990, houve a abertura do mercado brasileiro aos vinhos importados, cujos vinhos finos tinham uma melhor aceitação em comparação aos nacionais. Isso trouxe sérias dificuldades para as empresas, que abandonaram o mercado de vinhos finos ou, em grande parte, deixaram o Brasil. Segundo Ferreira e Ferreira (2016), os produtores de uva perderam seus grandes compradores e houve queda do consumo do vinho nacional, fatores que ocasionaram uma grande crise na viticultura brasileira.

Como alternativa para suprir as necessidades financeiras, possibilitar recursos para investimentos e ajudar na divulgação da marca, em 1996, a Cooperativa passou a produzir refrigerantes. Esta linha de produção foi desativada assim que cumpriu seus objetivos e a Cooperativa voltou ao setor vinícola. Para driblar as dificuldades, enfrentadas neste momento e em

outros, foram investidos no enoturismo e também nas reformulações de suas atividades, abrangendo diferentes produtos.

A Cooperativa Vinícola Garibaldi contava em 2021 com 430 famílias associadas, que se beneficiam dos serviços da cooperativa e de seus canais de comercialização. Estes associados recebem pelo produto, estimulando a produção da vitivinicultura. Também há os funcionários, 200 colaboradores diretos que atuam, principalmente, no setor administrativo, de produção e de promoção de vendas (COOPERATIVA VINÍCOLA GARIBALDI, 2021). Por ser uma cooperativa vinícola, no período da safra da uva, cerca de 80 dias do ano, que é o momento que necessita de uma maior demanda de mão de obra, a Cooperativa contrata trabalhadores temporários de uma empresa terceirizada. Isto contribui para alavancar os empregos na região, sendo essa cooperativa importante para o mercado de trabalho e para o desenvolvimento de outros serviços, associados às empresas que atuam na cadeia de produção.

O COOPERATIVISMO NA CAMNPAL

A agricultura familiar e a policultura das pequenas propriedades rurais de Nova Palma permitiram a criação de uma cooperativa, que trouxe caminho para comercialização agrícola (MANFIO, 2015). A região foi colonizada por imigrantes, sobretudo, italianos e alemães, que implantaram o cooperativismo no desenvolvimento local, a fim de minimizar as dificuldades de comércio local. A criação da CAMNPAL foi importante para aos agricultores, “que deixaram de enfrentar sérios problemas na comercialização dos produtos agrícolas, entre eles estavam: a distância com os grandes centros urbanos, as precárias infraestruturas, a exploração dos atravessadores e casas de comércio que atuavam na região” (MANFIO, 2015, p. 195).

A CAMNPAL foi criada na década de 1960, por inspirações do Padre Luiz Sponchiado, que percebendo as dificuldades dos pequenos agricultores locais, incentivou as ideias cooperativistas. Assim, em 1963 surge a cooperativa, contando inicialmente com 28 associados, com sede na pequena cidade de Nova Palma. Conforme Sponchiado (1996), a inauguração da cooperativa foi em instalações modestas e alugadas, com um número reduzido de colaboradores que buscavam o beneficiamento do feijão, milho e trigo.

Nas décadas seguintes, o crescimento da cooperativa foi expressivo tanto no aumento do número de associados, funcionários e atividades. Logo, em 1993 a CAMNPAL já possuía 1910 associados e 169 funcionários e unidades filiais em outras cidades, como em Dona Francisca e no interior de Nova Palma, beneficiando também o arroz. Na sequência vieram mais unidades e a

criação de marcas próprias da cooperativa (Caldo de Ouro e Bella Dica), além da terceirização de serviços de industrialização do leite, do azeite de cozinha, entre outros produtos (MANFIO, 2011).

Para suprir a demanda produtiva regional, a CAMNPAL ampliou suas fronteiras, alcançando assim, um índice maior de associados atendidos com as novas unidades (CAMNPAL, 2020). Hoje essa cooperativa apresenta filiais (com silos, espaços de armazenamento de produtos, mercados e escritórios) nos municípios de: Dona Francisca, São João do Polêsine, Júlio de Castilho, Faxinal do Soturno, Santa Maria, São Sepé, Novo Cabrais, Restinga Seca e mais de 500 colaboradores e 6000 associados dispersos nestes municípios (CAMNPAL, 2020).

A CAMNPAL atua, além do comércio e industrialização agrícola, na prestação de serviços e varejo dentro dos municípios, especialmente de Nova Palma, Faxinal do Soturno e Dona Francisca, onde existem supermercados, lojas de ferragem e de produtos agropecuários, oficinas de carros, lojas de roupas e eletrodomésticos, ligados à cooperativa. A cooperativa também articula uma rede empresarial com outras regiões e empresas, através da comercialização de produtos no mercado nacional, internacional e dentro da região (MANFIO, 2011).

A captação de gêneros agrícolas também mudou com o tempo, adentrando a outros produtos. Hoje a cooperativa trabalha com feijão, arroz, lentilha, milho, trigo, soja, entre outros. O leite também é um produto significativo do comércio e industrialização desta cooperativa, bem como outros produtos são embalados e comercializados pela CAMNPAL através de parcerias e compras, como farinha de tapioca, doces de pêssego, figo, entre outros.

A cooperativa oferece recursos tecnológicos, assistência técnica, condições para melhorar a produtividade agrícola da região, dos seus associados, bem como é um destino para a comercialização dos produtos advindos dos agricultores da região, um canal de comercialização e modernização agrícola. Venturini *et al.* dizem que,

O fato de a cooperativa estar inserida num pequeno município, faz com que ela tenha forte atuação na maioria da população de Nova Palma, RS, exercendo um papel fundamental, através dos seus sete princípios universais que as posicionam como organizações modernas e ágeis, onde se sobressaem ações voltadas à participação econômica, social e ao seu desenvolvimento e crescimento que lhe dão sustentação para seguir em frente (VENTURINI *et al.*, 2015, p. 12).

No que tange à gestão político-administrativa, a cooperativa encontra-se organizada em núcleos de produtores, por um conselho de representantes, por um conselho administrativo eleito pelos associados e um conselho fiscal (MANFIO, 2011). Dessa forma, acontecem reuniões de decisões de investimentos, prestação de contas e informações gerais. Os associados têm condições para armazenamento e comércio dentro da cooperativa, além de receberem anualmente uma parcela

dos lucros da cooperativa. Já os funcionários (denominados de colaboradores) recebem mensalmente seu salário e no final do ano recebem um montante em relação aos lucros anuais da CAMNPAL.

No município de Nova Palma, e mesmo da Quarta Colônia, a cooperativa é uma das instituições que mais emprega pessoas para os serviços realizados nas suas unidades, bem como terceiriza serviços, especialmente no transporte, como mencionam Venturini *et. al.* (2015).

CONSIDERAÇÕES

As cooperativas surgem no cenário econômico como uma força de ajuda mútua de trabalhadores, operários, agricultores, que necessitam da união para se manterem no espaço, produzindo e reproduzindo sua existência. A noção cooperativista é antiga, porém o marco para o desenvolvimento das cooperativas, mundo afora, foi a criação da cooperativa de Rochdale na Inglaterra, em oposição à opressão dos trabalhadores industriais.

No Brasil as cooperativas ganham destaque após a década de 1960 e se espalharam pelo país, trazendo novas oportunidades aos trabalhadores, promovendo mudanças tecnológicas, sociais e econômicas. No âmbito do mundo rural, as cooperativas participam do esquema de armazenamento, comércio, industrialização e fornecimento de outros produtos ao campo e às cidades vizinhas. Elas são um caminho para o fortalecimento da agricultura familiar, já que pequenos produtores rurais não conseguem competir no mercado capitalista sem a cooperação.

A ampliação dos serviços e a participação das cooperativas no mercado capitalista representaram uma alteração nas formas de organização das mesmas que, em muitos casos passaram a atuar nos mesmos moldes das empresas.

À discussão do cooperativismo, a questão do trabalho permeia o artigo, pois as cooperativas serviram de base para colaboração entre os trabalhadores e seria o caminho para superar dificuldades, abrir portas e vencer barreiras socioeconômicas. Torna-se importante que as cooperativas mantenham esse caráter solidário, de participação na construção social do grupo que as criou e que o trabalho cooperativo corrobore seus princípios de formação, interação e emancipação.

Este artigo também buscou o exemplo de duas cooperativas do mundo rural e como contribuem no desenvolvimento de suas áreas de atuação. No que tange à Cooperativa Vinícola Garibaldi, criada na década de 1930, a cooperativa fez parte da história e cresceu lado a lado com o desenvolvimento da cidade e do campo. Ela ainda auxiliou no fortalecimento das relações de comercialização entre os viticultores e agricultores locais, que sozinhos não teriam condições de

levarem seus produtos para fora da região. A CAMNPAL, criada na década de 1960, apresenta dinamismo e crescimento que se espelha no bojo empresarial, apresenta uma construção coletiva de ações, participação em projetos sociais, e mantém além dos associados, um quadro de funcionários. Ambas atuam no espaço geográfico de forma a organizar fixos e fluxos que viabilizam as atividades produtivas a que se dedicam e contribuem no desenvolvimento local e regional das áreas onde estão inseridas.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, F. H. C. **Economia solidária**. São Paulo: Arte & Ciência, 2005.

ANTONIALLI, L. M. Influência da mudança de gestão nas estratégias de uma cooperativa agropecuária. **Revista Administração contemporânea**. Curitiba: vol.4, n.1, Jan./Apr. 2000.

BIALOSKORSKI NETO, S. **Ensaio em Cooperativismo**. Ribeirão Preto: F.E.A. USP, 1998.

CAMPOS, G. L. R. **Cooperativismo agrário e integração econômica: a agricultura familiar no Mercosul**. Passo Fundo: Edupf, 1998.

CAMNPAL. **A empresa CAMNPAL**. 2020. Disponível em: <<https://www.camnpal.com.br>>. Acesso em: 5 dez. 2020.

CASTANHEIRA, M. E. M. **Ação coletiva no espaço organizacional de cooperativas populares**. Dissertação (Mestrado em Administração). Lavras: Universidade Federal de Lavras, 2008.

CERVELIN, C. M.; CUNHA, F. E. G. **O papel das cooperativas para o fortalecimento do agronegócio brasileiro**. 2015. Disponível em: http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/1T8T6EziK3OEnqZ_2017-1-17-19-40-11.pdf. Acesso em: 22 dez. 2020.

CHAYANOV, A. **A teoria das cooperativas camponesas**. Revisão e Tradução de Regina Vargas. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

COOPERATIVA VINÍCOLA GARIBALDI. **A Cooperativa**. 2021. Disponível em <https://www.vinicolagaribaldi.com.br/>. Acesso em: 22 nov. 2021.

ENGEL, V. *et al.* Agricultura familiar no contexto das cooperativas rurais: o caso da ECOCITRUS. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília: v. 34, n. 1, p. 59-81, jan./abr. 2014.

FAJARDO, S. O novo padrão de desenvolvimento agroindustrial e a atuação das cooperativas agropecuárias no Paraná. **RA E GA**, Curitiba: n. 11, p. 89-102, 2006.

FAJARDO, S. A ação das cooperativas agropecuárias na modernização da agricultura no estado do Paraná, Brasil. **GeoTextos**, vol. 12, n. 1, p. 207-230, julho de 2016.

FANTI, C. A. **La Nostra Cooperativa**. Cooperativa Vinícola Garibaldi, 2011.

FERREIRA, V.; FERREIRA, M. **Vinhos do Brasil: do passado para o futuro**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

FIGUEIREDO, N. T. C. de. **Cooperativas Sociais: Alternativa para Inserção**. Porto Alegre: Evangraf, 2009.

FLEURY, M. T. L. **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**. São Paulo: Global, 1983.

GASPERI, U. **Introdução à economia**. Caxias do Sul/Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes e Universidade de Caxias do Sul, 1978.

GOMES, E. L.; CEZAR, L. C. O papel das cooperativas da agricultura familiar no desenvolvimento de políticas públicas. **Revista De Extensão E Estudos Rurais**, v. 7, n.1, 166-186, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.36363/rever712018166-186>. Acesso em: 10 dez. 2020.

KEIL, I. M.; MONTEIRO, S. T. **Os pioneiros de Rochdale e as distorções do cooperativismo na América Latina**. São Leopoldo: 1982.

LOURENÇO, L. Agricultura e cooperativismo. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 11., 1992, Maringá: **Anais do Encontro Nacional de Geografia Agrária...** p. 27-43, out. 1992.

MACÊDO, I. I. *et al.* **Aspectos comportamentais da gestão de pessoas**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

MANFIO, V. **O papel da CAMNPAL na (Re) estruturação do espaço urbano de Nova Palmerópolis**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2011.

MANFIO, V. Agricultura familiar no município de Nova Palmerópolis-RS: uma análise sobre as dinâmicas e potencialidades. **Geographia Meridionalis**, Pelotas: v. 01, n. 02 Jan-Dez/2015 p. 183–201.

MORAES, J. L. A.; SCHWAB, P. I. O papel do cooperativismo no fortalecimento da agricultura familiar. **Revista do CEPE**. Santa Cruz do Sul: n. 49, p. 67-79, jan./jun. 2019.

MORI, P. A. Community and cooperation: the evolution of cooperatives towards new models of citizens' democratic participation in public services provision. **Annals of Public and Cooperative Economics**. 85:3, pp. 327–352, 2014.

NAMORADO, R. Cooperativismo — um horizonte possível. 2005. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/229/229.php>. Acesso em: 20 dez. 2020.

OCERGS-SESCOOP/RS. **Expressão do cooperativismo gaúcho – 2020**. Porto Alegre: Sistema Ocergs/Secoop, 2020

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS BRASILEIRAS – OCB. **Histórico do cooperativismo**. Disponível em: <https://www.ocb.org.br/historia-do-cooperativismo>. Acesso em: 02 dez. 2012

PINHO, D. B. **Economia e cooperativismo**. São Paulo: Saraiva, 1977. 177p.

PRESNO AMODEO, N. B. **As cooperativas agroindustriais e os desafios da competitividade**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 1999.

SATO, L. “Djunta-mon”: O processo de construção de organizações cooperativas. **Psicologia**. São Paulo: v. 2, n.10, p. 221-227, 1999.

SEABRA, M. G. **As cooperativas mistas do estado de São Paulo**. São Paulo: IGEOG-USP, 1977.

SEVERO, L. F.; BARBOSA, M. Z. Cooperativismo e precarização do trabalho: estudo de caso no município de Lago do Junco- MA. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**. Vitória: v. 7, n. 1, p. 31-50, 2019.

SCHNEIDER, J. E. O cooperativismo agrícola na dinâmica social do desenvolvimento periférico dependente: o caso brasileiro. In: LOUREIRO, Maria Rita Garcia. (Org.). **Cooperativas agrícolas e capitalismo no Brasil**. São Paulo: Cortez/Autores Associados (Coleção teoria e prática sociais), p. 11-40, 1981.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

117

SISTEMA OCB. **Anuário do cooperativismo brasileiro – 2020**. Brasília: Sistema OCB, 2020.

SPONCHIADO, B. A. **Imigração e Quarta Colônia**: Nova Palma e o Padre Luiz Sponchiado. Nova Palma: Paróquia Santíssima Trindade; Santa Maria: UFSM, 1996.

VENTURINI, F. *et. al.* Estudo da percepção dos associados sobre a participação da CAMNPAL no desenvolvimento econômico e social do município de Nova Palma-RS. In: FÓRUM INTERNACIONAL ECOINOVAR, Santa Maria: **Anais...**, 2015.

Recebido em: 17/01/2022
Aceito em: 27/06/2022